



ARTE SEM LIMITES

CÔA & SIEGA VERDE



ARTE SEM LIMITES

CÔA & SIEGA VERDE

EXPOSIÇÃO

LISBOA | JULHO - OUTUBRO '22
MADRID | NOVENBRO '22 - FEVEREIRO '23

ORGANIZAÇÃO

Junta de Castilla y León e Fundação Cão Parque

PARTICIPAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu de Arte Popular (Lisboa) e Museo Arqueológico Nacional (Madrid)

FINANCIAMENTO

Interreg Espanha-Portugal | Programa Paleoarte | Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

EXPOSIÇÃO

Comissários

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Projeto

byAR - Pedro Pereira | Patrícia Ferreira | Saeideh Shekoohi

Design

byAR - Pedro Gonçalves | Teresa Monteiro | Pedro Matos | Thierry Aubry | Jorge Sampaio

Produção

Stripeline - Helder Mata | Gonçalo Tomás
byAR - Alexandra Allen | Tiago Duarte | Ruben Rebelo | Pedro Teixeira | Alberto Flores
VPrint - Produção de imagem, Lda.

Réplicas

Morph - Geociências | 3D Factory | Pedro Cura | Thierry Aubry | Jorge Sampaio | Marcos Terradillos

Tradução de textos

EURO-TEXT Traductores e Intérpretes

Fotografias, decalques e desenhos

José Javier Alcolea González | Manuel Almeida | Beatriz Alonso | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | António Fernando Barbosa | Julián Bécares | Carmen Cachom | Francisco Fabián García | Marcos García Díez | Pedro Guimarães | António Jerónimo | Miguel Angel Martín | Julián Martínez | José Javier Fernández Moreno | Marina Mosquera | Luciano Municio González | Pedro Pereira | Alejandro Plaza | Mário Reis | Olívia Rivero | José Paulo Ruas | Agustín Ruiz | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Pedro Saura | Joana de Castro Teixeira

Audiovisuais

El Maestro de Altamira AIE. | Morena Films Productions | Morph - Geociências | Plan C Creatividad sin límites S.L.

Ilustrações

Alexandra Allen

MUSEU DE ARTE POPULAR | LISBOA | PORTUGAL
MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL | MADRID | ESPANHA

Pessoas e Entidades Colaboradoras |

Mariana Abreu | Maria José Albuquerque | Miguel Almeida | Alicia Ameijenda | Marian Arlegui | Benito Arnaiz | Alberto Bescos | Carmen Cacho | Andrés Carretero Pérez | Joana Carrondo | Antonio Carvalho | Adriana Chauvin | Aida Carvalho | Hipolito Collado | Dalila Correia | David Cuenca | Pedro Cura | Pilar Fatás | António Batarda Fernandes | José Antonio Fernández de Córdoba | Verónica Fernandez Navarro | Paulo Ferreira da Costa | Alejandro Fonseca | Ana Fraile | Ana Fromesta | Carlos García | Rita Gaspar | Sérgio Gomes | Isabel Leal | André Leitão | Carmen Manzano | Ana Belén Marín | Alexandra Marques | Santiago Martínez Caballero | Andrea Martins | Tania Mosquera Castro | César Neves | Marta Negro | Luis Nobre | Roberto Ontañon | Sofia Figueiredo Persson | Nuno Ramos | Ketty Ratero | Manuel Santonja | Filipa Santos | Marcelo Silvestre | Renata Talarico | Ignacio Triguero | Jesús Maria del Val Recio

Agência Portuguesa do Ambiente | Ayuntamiento de Castillejo de Martín Viejo | Ayuntamiento de Fuentes de Oñoro | Ayuntamiento de Villar de Argañán | Ayuntamiento de Villar de la Yegua | Direção Geral do Património Cultural | Hemeroteca de Castilla y León | Ministério da Cultura | Ministerio de Cultura y Deporte | Ministério da Economia e do Mar | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior | Município de Figueira de Castelo Rodrigo | Município de Pinhel | Município da Mêda | Município de Vila Nova de Foz Côa | Turismo de Portugal | Fundación Siega Verde | ADECOCIR | Arqueologia e Património - Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca Lda.

Entidades Prestadoras

Gobierno Principado de Asturias. Consejería de Cultura, Política Lingüística y Turismo. Dirección General de Cultura y Patrimonio | Gobierno de Cantabria. Consejería de Universidades, Igualdad, Cultura y Deporte | Junta de Extremadura. Consejería Cultura, Turismo y Deporte. Dirección General de Bibliotecas Archivos y Patrimonio Cultural | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Salamanca | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Segovia | Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira | Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria | Museo de Segovia | Museo de Salamanca | Museo Numantino | Museo de Burgos | Museo de la Evolución Humana | Universidad de Cantabria | Universidad de Salamanca

CATÁLOGO

Coordenação

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Textos

José Javier Alcolea González | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | Julián Bécares Pérez | Primitiva Bueno Ramírez | José Javier Fernández Moreno | Luis Luis | Juan Antonio Martos Romero | Mário Reis | Olívia Rivero Vilá | Maria de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Joana de Castro Teixeira | Carlos Vazquez Marcos | Jesús Maria del Val Recio | Cristina Vega Maeso

Design e paginação

byAR

Pedro Gonçalves

Impressão

Graficas EUJOA SA

© De la Edición: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León.

© De los textos e ilustraciones: los autores

ISBN

978-84-9718-714-5

Depósito Legal

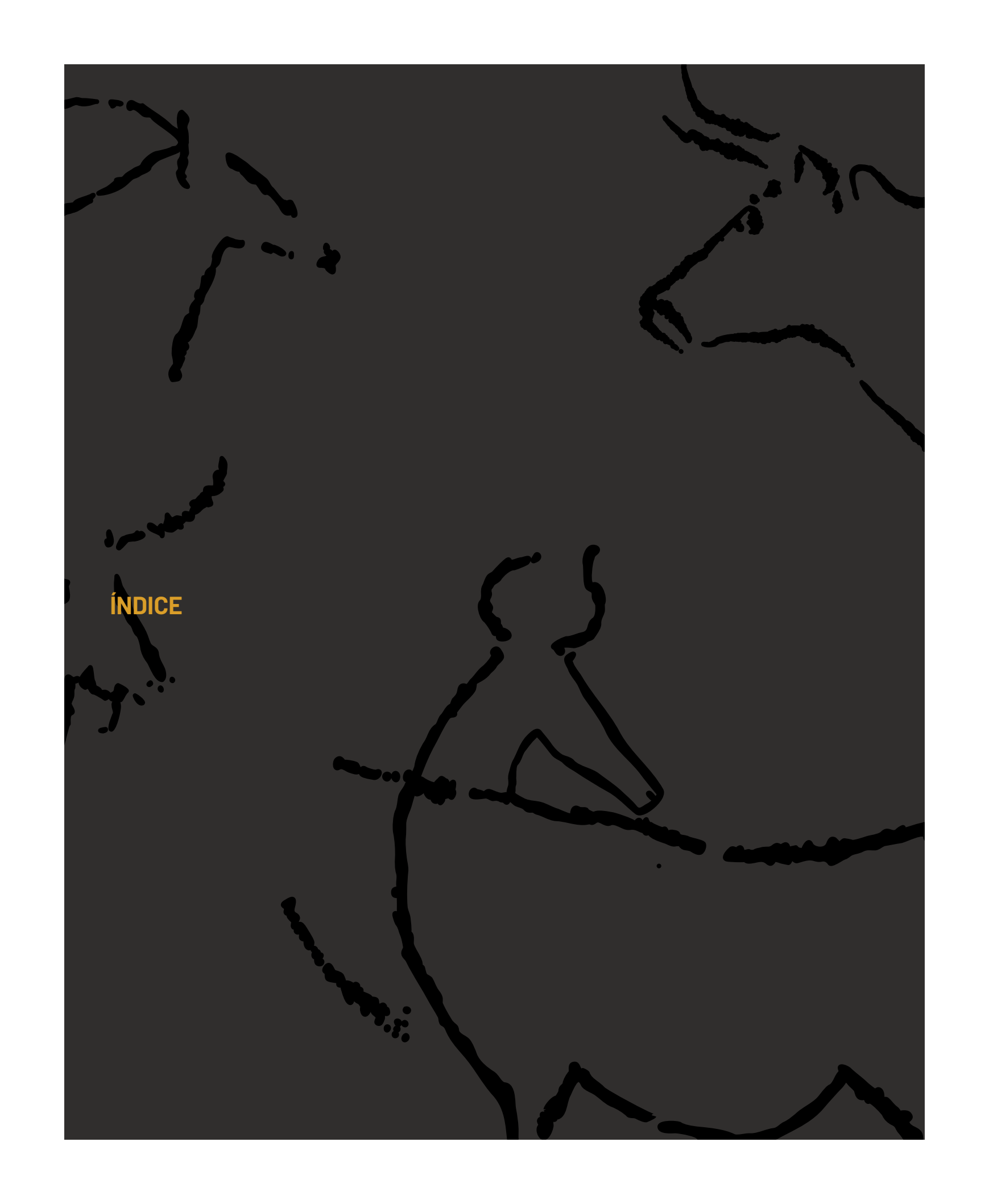
VA 646-2022

In memoriam a Bruno Navarro



ARTE SEM LIMITES

CÔA & SIEGA VERDE

An abstract black line drawing on a dark gray background. The drawing consists of several thick, irregular, and somewhat jagged black lines. These lines form a complex, organic shape that resembles a stylized figure or a large, abstract letter. The lines are drawn with a brush-like texture, showing some variation in thickness and a slightly grainy appearance. The overall composition is minimalist and expressive.

ÍNDICE

- 007** Apresentação
- 013** Introdução
- 019** Grupos humanos no Vale do Douro durante o Paleolítico Superior e as primeiras manifestações artísticas
- 033** O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior. Ambiente e modos de vida.
- 049** A arte paleolítica da bacia do Douro no contexto do Sudoeste europeu
- 067** Distribuição e contextualização da arte paleolítica ao ar livre dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 081** Caracterização e evolução da arte paleolítica no Vale do Côa em Siega Verde.
- 097** Arte Finiglacial (Estilo V/Azilense). Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 113** Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na média e baixa bacia do Douro
- 135** As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: características e sua relação espacial e conceptual.
- 147** Pastores, moleiros e outras gentes. Arte rupestre de época histórica de ambos os lados da fronteira.
- 159** Vale do Côa e Siega Verde. Sítios do Património Mundial para visitar.

O VALE DO DOURO DURANTE O PALEOLÍTICO SUPERIOR
AMBIENTE E MODOS DE VIDA

J. A. Martos

Museo Arqueológico Nacional, Madrid

T. Aubry

Fundação C&A Parque; UNIARQ - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa

Localizada no extremo sudoeste da Europa, a Península Ibérica é uma área geográfica privilegiada para o estudo da história do povoamento humano deste continente. Desde o aparecimento dos primeiros hominínios em África, as alterações climáticas e as suas consequências nas espécies animais e vegetais tiveram influência nas migrações e na adaptação dos modos de vida dos grupos de caçadores-recolectores que se sucederam nos novos territórios.

As mudanças atuais e as discussões relacionadas com o aquecimento global recordam-nos que o clima nem sempre foi o mesmo que conhecemos e que pode mudar num curto espaço de tempo. Durante o Último máximo glacial, há cerca de 24.500 anos (BP), a costa atlântica estava mais de 100 metros abaixo do nível atual e algumas áreas do norte da Europa estavam desertas, só sendo ocupadas no início do Holocénico, depois de 11.700 BP.

Devido à sua localização geográfica, a Península Ibérica é geralmente considerada como propícia a formação de mosaicos de biodiversidade e como um dos possíveis refúgios de grupos humanos provenientes de outros territórios. A bacia do rio Douro, com quase 900 km de extensão de este a oeste, representa cerca de 20% da superfície da Península Ibérica. Esta rede hidrográfica, limitada a oeste pelas rochas da cadeia varisca, convergia para o centro da península durante o Terciário, tendo-se aberto em direção ao Atlântico durante o Quaternário. Este vasto território compreende duas zonas climáticas distintas. A secção final, menos extensa, pertence à zona atlântica, com influência oceânica, temperaturas amenas e chuvas durante o Inverno, enquanto que o resto da bacia é de influência continental, com invernos frios e verões quentes.

Há 75.000 BP, pequenos grupos de neandertais, instalados há centenas de milhares de anos na Península Ibérica (ver Cap. 1), tiveram de se adaptar a uma mudança climática drástica. O clima da Terra começou um longo período de arrefecimento: a última era glacial. No continente europeu, a extensão do volume

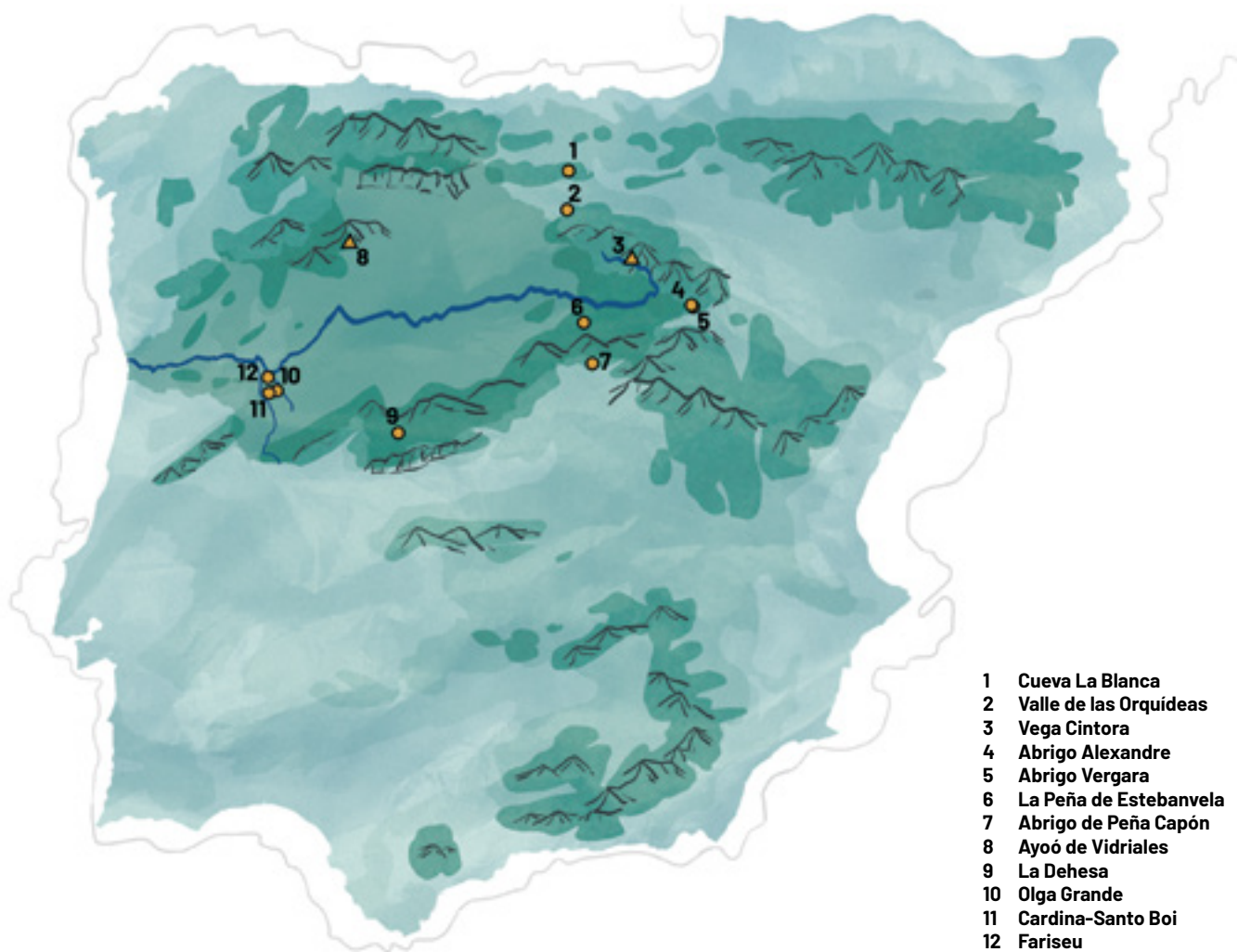


Fig. 1. O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior. Localização dos principais sítios em gruta, abrigo ou ao ar livre e dos sítios não arqueológicos que forneceram dados paleoambientais.

dos glaciares e do gelo provocou o desaparecimento de extensas florestas, que foram substituídas por paisagens de estepe-tundra e desertos gelados, chamados ambientes periglaciais. Este último ciclo glacial do Pleistocénico foi o cenário da chegada dos primeiros Homens anatomicamente modernos — iguais a nós —, e durou até há cerca de 11.700 BP, caracterizando-se por uma marcada instabilidade climática com períodos de frio extremo — tais como o chamado Último Máximo Glacial, que ocorreu entre 27.500 e 23.300 BP —, intercalados por episódios de menor rigor climático.

Neste ambiente muito mais frio do que hoje, os grupos de caçadores-recolectores do Paleolítico Superior tiveram que se adaptar às oscilações climáticas e ambientais e às suas implicações nas populações animais e vegetais. Os estudos das acumulações anuais de gelo na Groenlândia revelaram que estas alterações climáticas podem ocorrer, por vezes rapidamente, em cerca de 50 anos, condicionando os biótopos e modos de vida dos grupos humanos que viveram no resto do mundo. Na Península Ibérica, a extensão máxima dos glaciares

nos sistemas montanhosos da Meseta é registada entre 26.000 e 23.000. O recuo da glaciação começa com o fim do Último Máximo Glacial, observando-se a partir daí uma sucessão brusca e rápida (por vezes de apenas um milénio) de períodos de melhoria climática, interrompidos por retornos a condições frias, algumas delas muito severas, tais como as registadas entre 12.900 e 11.700.

Detetar os indícios e interpretar o impacto das mudanças climáticas globais na bacia do Douro é essencial para reconstruir as estratégias de sobrevivência e a dinâmica populacional dos últimos caçadores-recolectores paleolíticos nestas regiões do noroeste da Península Ibérica. Em termos gerais, sabemos que nos períodos mais frios os ecossistemas com vegetações características da estepe, praticamente sem árvores, teriam sido dominantes, e que os glaciares de montanha, juntamente com os processos periglaciais associados ao frio, teriam exercido a sua influência na paisagem, encontrando-se o nível de neve perpétua provavelmente entre os 1.600 e os 1.700 m acima do nível do mar. Contudo, o conhecimento que temos dos ambientes e ecossistemas que teriam caracterizado os diferentes territórios que compõem a bacia do Douro nesse tempo é escasso e os dados localizados. Por exemplo, a presença de pinheiro e videira foi relatada no extremo oriental da bacia (Vega Cintora, Soria) há ca. de 30.000 BP, sem que tenha sido possível avaliar a sua real importância e impacto na paisagem.

No Vale do Côa, um afluente da margem esquerda do Douro, alguns fragmentos de dentes e ossos queimados, encontrados num nível de ocupação datado de há 30.000 BP no sítio Cardina-Salto do Boi, não permitem uma reconstrução fidedel das espécies animais consumidas durante este período. No entanto, os resultados dos estudos de restos faunísticos, de ocupações contemporâneas nas grutas da Estremadura portuguesa, indicam que os grandes herbívoros caçados durante esta fase eram principalmente os cavalos, as cabras, os auroques (antepassado selvagem dos bovinos domésticos) e os veados, em proporções menores.

A escavação do Abrigo de Peña Capón (Guadalajara), no limite norte da Meseta meridional, confirmou os dados obtidos nas grutas do centro de Portugal, revelando também, nas camadas datadas de entre 26.000 e 24.000 BP, além de restos de coelho, a caça do cavalo, auroques ou bisonte, cabras pirenaicas, veados, camurças. Estes animais são também os mais representados na fase inicial das gravuras do Vale do Côa (ver Cap. 5), e parece provável que, entre 34.000 e 19.000 BP, a região do Côa tenha sido frequentada pelas mesmas espécies identificadas nestes territórios.

No extremo noroeste do sector espanhol da bacia do Douro, a sequência polínica de Ayoó de Vidriales (Zamora) permitiu reconstituir a evolução do ambiente vegetal. Os dados atestam que no final do Último Máximo Glacial, existiam diferentes espécies de árvores (pinheiros, videiros e, talvez, carvalhos), embora em escassa quantidade. Encontrar-se-iam provavelmente em pequenas florestas dispersas entre charnecas, num ambiente de estepe de condições climáticas moderadamente frias e secas. Pouco depois, cerca de 16.400 BP, a tendência de arrefecimento e de diminuição das precipitações torna-se mais pronunciada, dando lugar a um ecossistema praticamente sem árvores, no qual se atesta a presença de zimbro e o domínio de uma vegetação estepária e pobre, caracterizada por gramíneas e urzes. Estas condições climáticas severas continuaram até cerca de 13.600 BP, quando uma maior presença de árvores, principalmente

pinheiros e vidoeiros, parece indicar uma melhoria climática caracterizada pelo aumento das temperaturas e da pluviosidade. Apenas um milénio depois (ca. 12.800 BP) o clima deteriorou-se novamente, com todos os vestígios de formações arbóreas a desaparecerem numa paisagem que, mais uma vez, se volta a assemelhar à estepe. Testemunho da instabilidade climática que caracteriza o fim do último período glacial é o facto de passado apenas alguns séculos (cerca de 12.500 BP), se detetar uma súbita expansão das florestas de pinheiros e bétulas — associada a um aumento das temperaturas e das precipitações —, às quais se irão progressivamente incorporar árvores caducifólias como os carvalhos.

Praticamente no outro extremo do vale do Douro, o sítio de La Peña de Estebanvela (Segóvia), localizado no limite sudeste da bacia num ambiente montanhoso a cerca de 1.065 metros acima do nível do mar, fornece também dados obtidos a partir do estudo da microfauna, dos carvões vegetais das fogueiras e dos fitólitos (biomineralizações de origem vegetal) de ocupações magdalenenses datadas de entre 17.700 e 17.190 BP. A área adjacente ao sítio era dominada por vegetação típica da estepe de gramíneas com a presença de algumas árvores, como salgueiro e, em menor proporção, o pinheiro e a aveleira, provavelmente concentrados perto dos cursos de água como o rio Aguijejo, que agora corre ao pé deste abrigo. A paisagem de erva e urze mantém-se entre 15.150 e 13.980 BP, talvez com condições mais temperadas dada a presença, embora ainda esporádica, de salgueiro juntamente com pinheiros, amieiros, aveleiras e macieiras selvagens. O aumento da temperatura parece consolidar-se a partir de há cerca de 13.720 BP, quando uma maior variedade de árvores é detetada no local. As espécies mais representadas continuam a ser o salgueiro (provavelmente devido à sua utilização como combustível), mas ao seu lado estão também a aveleira, o freixo, a amieiro, o teixo, o carvalho e outras espécies típicas de ambientes mediterrânicos, tais como o pinheiro, o zimbro, a cerejeira, o espinheiro negro e a macieira brava. Na realidade, a presença desta variedade de árvores nessa altura pode refletir quer o aumento das formações arborizadas na área e da sua diversidade, quer a ampliação da área explorada para a recolha de madeira, quer mesmo mudanças nas atividades realizadas no local. Finalmente, entre 13.300 e 12.610 BP, a associação de micromamíferos, répteis e anfíbios permite-nos reconstruir uma paisagem que não seria muito diferente da que existe hoje em dia na área em redor do rio Aguijejo, ladeado por uma floresta ribeirinha, talvez com um maior desenvolvimento da cobertura vegetal, com algumas áreas arborizadas e uma transição para uma paisagem aberta de margens de floresta, áreas arbustivas e prados húmidos e secos. Os carvões e os fitólitos confirmam esta reconstrução ambiental e sugerem uma grande diversidade florestal.

La Peña de Estebanvela fornece dados para saber quais são os recursos animais e vegetais que foram explorados pelos magdalenenses que frequentaram o extremo oriental da bacia do Douro, os seus modos de vida e a sua capacidade de otimizar os recursos presentes nos diferentes habitats da área mais próxima sítio, entre 13.980 e 12.610 BP. Os estudos dos restos da fauna apontam para a exploração de ambientes abertos, arborizados e de média montanha, onde se caçariam ungulados (cavalo, corço, veado, cabra ou camurça) e carnívoros (lince), pescariam trutas e, possivelmente, se colheriam frutos silvestres. Algumas destas espécies animais, como por exemplo, as cabras, os veados, os cavalos e

ESPÉCIE	MEIO
Leirão Rato-do-campo	Zonas boscosas
Morcego-rato-grande Morcego negro	Bosques abertos, zonas arbustivas, prados arborizados
Ouriço-cacheiro Musaranho-de-dentes-brancos Morcego-de-ferradura-grande Morcego-orelhudo-castanho - Morcego-orelhudo-cinzento	Zonas boscosas, zonas abertas com vegetação, margens de bosques com vegetação arbustiva ou de pradaria
Rato silvestre - Rato-do-campo-de-rabo-curto Rato-cego-mediterrânico Coelho	Zonas com abundante vegetação herbácea ou arbustiva
Ratazana-da-tundra	Solos com vegetação muito húmida ou à borda de água
Rato-de-água	Borda de água, com abundante vegetação ribeirinha, herbácia ou arbustiva

os línex, foram também encontradas na gruta de La Blanca, localizada no desfiladeiro do rio Oca (Oña, Burgos), muito perto da sua confluência com o rio Ebro. Cavalos foram também identificados nos abrigos de Alexandre e Vergara (Deza, Soria), no vale do rio Henar, outro afluente do Ebro.

Os caçadores magdalenenses de La Peña de Estebanvela selecionaram as suas presas, procurando animais de 4 a 6 anos, juvenis e bebés, talvez em busca de carne de melhor qualidade e de uma certa garantia de sucesso na caça, dado que estes são os indivíduos mais fáceis de caçar. As presas foram caçadas durante duas estações do ciclo anual: a primavera/ início do verão e o outono, que coincidem com a época de nascimentos (maior vulnerabilidade) e a época de cio (maior agregação de indivíduos). O coelho teria sido consumido no local das caçadas juntamente com cabra e cavalo e, em menor grau, veado, camurça, cabra-montês e javali. A ausência de ossos queimados parece sugerir que a carne, se cozida, foi consumida depois de ter sido separada dos ossos, que provavelmente foram abandonados sem se tirar partido da gordura que contêm. A escassa presença de fragmentos de ossos queimados sugere também que não foram aproveitados como combustível e o fogo não foi utilizado como agente de eliminação destes resíduos. Os animais foram transportados na sua totalidade do local onde foram abatidos pelos caçadores, sugerindo um padrão de captura perto do sítio, não superior a 10 km de distância.

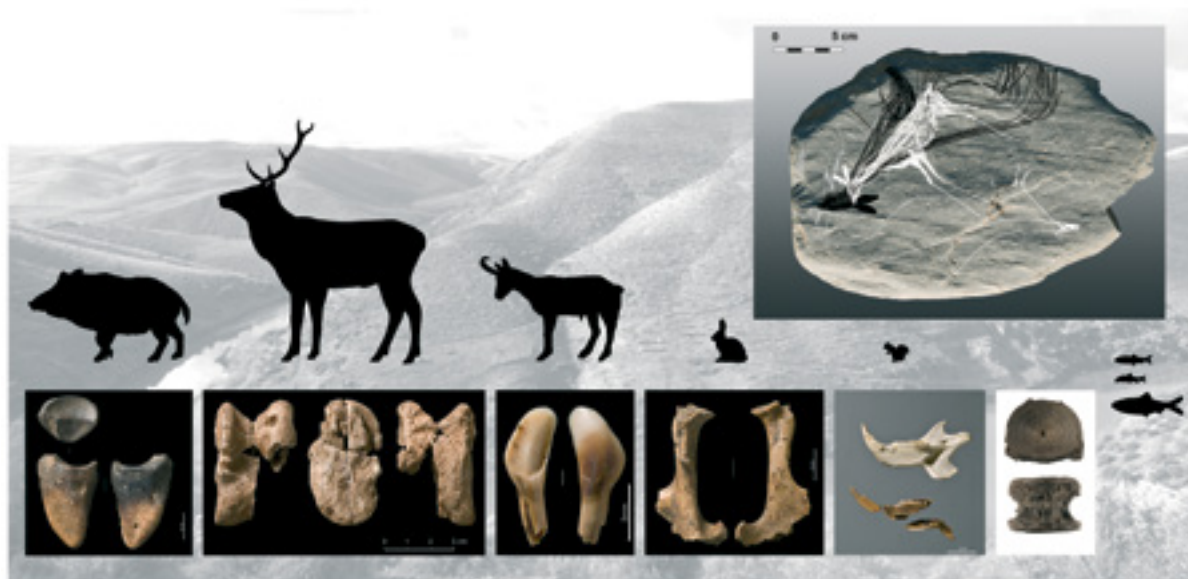
Mais para jusante da bacia do Douro, no vale do Rio Côa, localizado no limite ocidental da Meseta Norte, os sítios escavados forneceram informações complementares sobre as alterações climáticas que ocorreram durante o Paleolítico Superior. Os solos ácidos desta região não favorecem a preservação de restos or-

Fig. 2 Associação de micromamíferos e interpretação ambiental nas ocupações de La Peña de Estebanvela (Segóvia), ca. 13,300 e 12,610 BP (Según Cacho *et al.* 2013).



Fig. 3 Reconstrução dos biótopos em torno de La Peña de Estebanvela (Cacho *et al.* 2013, desenho de Enrique Navarro Praderas).

gânicos, tais como pólen, carvão e ossos. Só em condições especiais, como seja a existência de níveis de carbonato nas rochas metamórficas do subsolo como acontece no sítio ao ar livre de Fariseu, se preservaram alguns vestígios orgânicos. Em alguns destes foi possível, como no sítio de Estebanvela acima referido, aplicar o método do carbono 14 para estabelecer a cronologia das diferentes ocupações humanas neste sítio. Estas ocupações também foram datadas por luminescência (que permitem datar quando foram expostos pela última vez à luz solar os depósitos que contêm os vestígios arqueológicos) e termoluminescência (que data a última vez que as pedras das fogueiras foram sujeitas a uma fonte de calor). Deste modo, desde 1998 até esta parte, foi obtido um conjunto de 34 datas de vários locais do Baixo Côa que permitem situar no tempo as diferentes fases de ocupação que se sucedem ao longo do Paleolítico Superior na região, as quais testemunham uma presença humana contínua, entre 34.000 e 11.700 BP (ver capítulo 1).



No sítio de Fariseu, alguns ossos de animais foram datados de um período entre 12.500 e 11.500 BP, o que corresponde ao fim do último glaciário. O coelho, o javali, o veado, a camurça e o esquilo foram identificados entre os restos conservados. A presença de vértebras de peixe documenta a prática da pesca (como ocorre no abrigo de Estebanvela no mesmo momento). Entre as espécies pescadas conta-se o sável, que costumava subir o rio Douro para se reproduzir entre março e junho, o que permite estabelecer a sazonalidade da ocupação deste local nas margens do rio Côa.

Esta diversidade ecológica, numa área geográfica relativamente pequena, sugerida pela profundidade do encaixe da rede hidrográfica e pela presença de massas de gelo no planalto granítico, que seriam importantes fontes de água durante os períodos de degelo, pode explicar a concentração de sítios ao longo de diferentes fases do Paleolítico Superior, no Vale do Côa.

Fig. 4 Espécies representadas na arte móvel e rupestre do Fariseu e restos ósseos da fauna documentada no sítio.

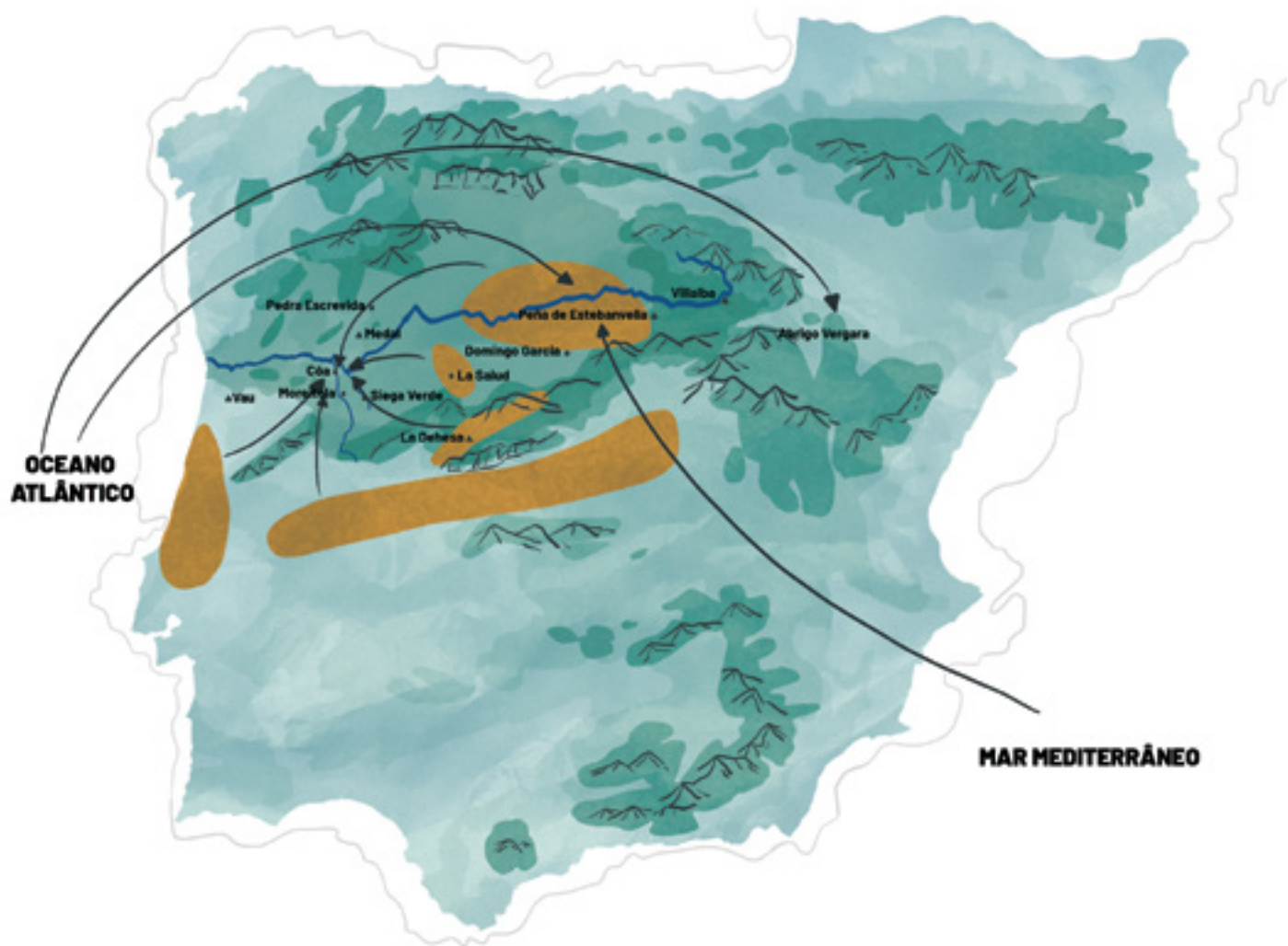
O estudo geológico dos depósitos que preservam os vestígios de ocupação paleolíticos, associados aos painéis gravados 1 e 9 do sítio do Fariseu, revelou uma alternância entre fases de acumulação de fragmentos de xisto, produzidos pela degradação de afloramentos rochosos sob o efeito de ciclos de gelo/degelos e da presença de um coberto de neve durante os tempos mais frios, e fases de deposição de areias finas pelas cheias ocorridas durante os períodos mais temperados e húmidos. As datas da deposição destas camadas atestam a existência de oscilações climáticas contemporâneas das estabelecidas no abrigo de La Peña de Estebanvela, apesar da diferença de altitude (130 m no Fariseu e 1.065 m para La Peña de Estebanvela).

Estas alterações climáticas, atestadas em contextos geográficos e altitudes distintos, revelam as mudanças climáticas globais, detetadas no registo oceânico e no gelo da Groenlândia, após o Último Máximo Glacial, e os seus efeitos nos recursos explorados pelos grupos de caçadores-recolectores que povoaram o interior da Península Ibérica.

Se é relativamente fácil determinar o faseamento da ocupação humana e a evolução do seu contexto ambiental, é mais complexo reconstruir a vida quotidiana dos grupos humanos no Paleolítico Superior. No entanto, a análise do desgaste das ferramentas de pedra e de osso, a deslocação de matérias-primas ou a preservação de evidências de estruturas relacionadas com atividades e usos de ferramentas, permitem-nos avançar algumas propostas sobre os modos de vida e a mobilidade destes grupos humanos nómadas. Mais raramente, a preservação de estruturas nas áreas escavadas, tais como concentrações de pedras aquecidas (Olga Grande 4 e 14, Cardina-Salto do Boi) atestam o uso de vários tipos de fogueiras (tamanho, topografia plana ou em fossa, preenchimento com pedras,...). Duas grandes estruturas circulares planas descobertas no sítio da Cardina-Salto do Boi, datadas de entre 27.000 e 29.000 BP, podem ser interpretadas como pavimentos pétreos da base das cabanas.

A caracterização geológica e a determinação da origem geográfica da matéria-prima utilizada para o fabrico de ferramentas de pedra lascada fornecem informações valiosas para a reconstituição do território de exploração, mobilidade e possíveis intercâmbios com outros grupos humanos. Este tipo de estudo é particularmente interessante nos sítios do Paleolítico Superior do Vale do Côa, ocupados entre 34.000 e 11.700 BP, uma vez que não existem fontes de sílex nesta área e que esta rocha só pode ter sido trazida de outras regiões, que foram identificadas como sendo a Meseta — sobretudo norte, mas também Sul — e a Estremadura portuguesa.

Localizado na fronteira entre a Meseta e os planaltos centrais das Beiras, o Vale do Côa pode assim ser entendido como uma zona de fronteira, e a excepcional concentração de arte rupestre ali conhecida estaria relacionada com este facto. A já longa história de investigação na Estremadura portuguesa permite-nos caracterizar a ocupação humana no limite ocidental deste vasto território definido pela proveniência do sílex. Contudo, para leste do Vale do Côa, a raridade dos sítios atribuídos ao Paleolítico Superior configura um deserto ocupacional que parece incompreensível, dada a utilização sistemática, ao longo do tempo, das suas fontes de matéria-prima.



Os restos líticos descobertos no sítio de La Dehesa (El Tejado, Salamanca), no limite da Meseta do Norte, 1.110 m acima do nível do mar, atribuíveis a uma fase recente do Magdalenense, permitem-nos responder em parte a esta questão. Num contexto granítico, onde também não existe sílex localmente, o estudo das rochas utilizadas para a produção das ferramentas revelou a presença de sílices provenientes das formações calcárias de origem lacustres das regiões mais próximas, bem como de outras mais distantes, na Bacia do Douro e do Tejo, ou mesmo, algumas peças provenientes de perto do atual litoral português, a mais de 300 quilómetros de distância. Estes testemunhos da mobilidade e de intercâmbios revelam a existência de contactos entre grupos que viviam dos dois lados da Cordilheira Central e a jusante da bacia do Tejo.

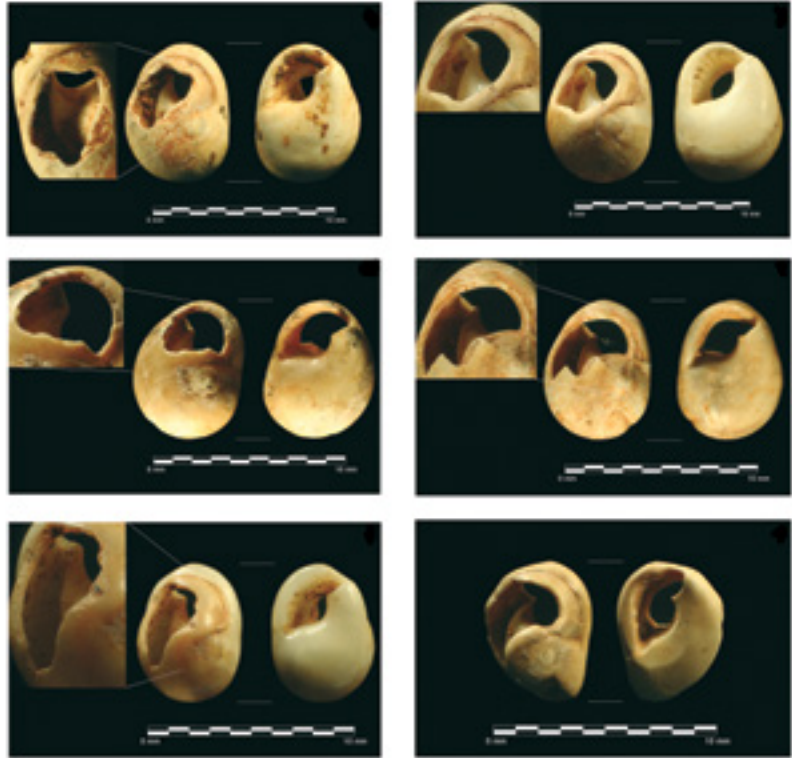
No extremo oriental da Meseta, os magdalenenses de La Peña de Estabanvella podem ter obtido as rochas usadas para a fabricação das suas ferramentas a partir de afloramentos regionais, distantes de menos de 20 km. Todavia, foram

Fig. 5. Procedência das matérias-primas utilizadas para a elaboração de utensílios e adornos nos sítios paleolíticos da bacia do Douro.



Fig. 6 a) Pendentes procedentes da Peña de Estebanvela. A presença de conchas marinhas –o litoral mais perto encontra-se a cerca de 200km em linha reta – testemunha a mobilidade e/ou trocas dos grupos de caçadores-recolectores do final do Magdalenense. Realizaram-se sobre as conchas das seguintes espécies: *Cyclope neritea*, *Littorina obtusata*, *Trivia arctica*, *Trivia pulex*, *Nassarius reticulatus*, *Turritella communis*. Foram perfuradas num momento anterior à sua chegada ao sítio. Uma delas (de água doce) encontra-se num ribeiro que corre junto à estação (Cacho et al. 2013; Fotografia: Bárbara Avezuela)

Fig. 6 b) Pendentes perfurados sobre *Cyclope neritea*, crustáceo de origem mediterrânica, procedentes do sítio de caçadores-recolectores do final do Magdalenense da Peña de Estebanvela. O apreço que os seus portadores lhes concediam está testemunhado pelo grau de desgaste que muitos deles possuem (Cacho et al. 2013. Fotografia: Bárbara Avezuela).



detetados alguns objetos que atestam movimentações mais amplas, a partir de outras regiões da Meseta Norte e, possivelmente, de outras exteriores. Por outro lado, a determinação das espécies de conchas marinhas identificadas no abrigo de Vergara ou La Peña de Estebanvela provam a existência, se não de movimentos, pelo menos de contactos com grupos que viviam mais perto do litoral mediterrânico e cantábrico. A arte móvel de La Peña de Estebanvela revela também, com base em paralelismos nos motivos representados, a existência de relações com grupos humanos que ocupavam regiões mais setentrionais.

A distribuição geográfica dos sítios e as atividades que foram realizadas em cada um deles podem ajudar a reconstituir mais precisamente a mobilidade destes grupos ao longo do ano. O que podemos propor atualmente baseia-se em dados etnológicos observados nos grupos atuais de caçadores-recolectores e na reconstituição da localização dos recursos durante o Paleolítico Superior. De facto, nas sociedades de caçadores-recolectores existe um conjunto de comportamentos comuns que são provavelmente extrapoláveis para as sociedades paleolíticas. Os vestígios encontrados sugerem uma vida nómada, baseada na exploração de recursos de diferentes nichos ecológicos, com diferenças sensíveis na quantidade de água e na variedade de fauna em função da altitude.

Na região do Vale do Côa, os dados arqueológicos permitem distinguir duas categorias principais de nichos ecológicos explorados pelas comunidades paleolíticas, com restos que apontam para atividades diferentes. Nos sítios do fundo do vale, localizados perto dos principais cursos de água, as ferramentas de pedra lascada abandonadas são mais abundantes e mais variadas, revelando

a traceologia a prática de atividades diversificadas. Nos locais mais altos do planalto, a maioria das ferramentas correspondem a pontas de pedra, com fraturas típicas da sua utilização como projéteis de caça, e a ferramentas relacionadas com o esquartejamento das carcaças, resumindo-se as estruturas encontradas a estruturas de combustão relacionáveis com a conservação dos alimentos, o que sugere a realização de atividades mais especializadas nestes sítios.

Do ponto de vista da origem das matérias-primas líticas, as utilizadas em ambos os nichos ecológicos (fundo do vale/planalto) revelam a presença sistemática, em pequenas quantidades, de sílices de regiões distantes de mais de 150 quilómetros, juntamente com a existência de ferramentas feitas a partir do quartzo de filão e do quartzito local.

Estes dados, especialmente a utilização das mesmas variedades de sílex durante o Paleolítico Superior, entre o Aurignacense e o Azilense (entre 34.000 e 12.000 BP) associadas à maioria das matérias-primas locais, levam-nos a crer que a região do Baixo Côa foi permanentemente habitada ao longo deste período. De facto, os dados disponíveis apontam para uma exploração dos planaltos — que corresponderiam a campos de caça — testemunhada por uma miríade de pequenos acampamentos, coeva das ocupações mais sistemáticas, localizadas perto do rio Côa (cf. estruturas de habitat das ocupações gravettenses da Cardina-Salto do Boi). Paralelamente, as matérias-primas regionais existentes no Vale do Côa e outros afluentes do Douro, foram exploradas durante o ano pelo mesmo grupo ou por uma fração do mesmo grupo, que, periodicamente se fragmentava, tal como ocorre hoje em dia entre atuais comunidades de caçadores-recolectores.

Apesar do nosso conhecimento ainda lacunar, a localização dos sítios do interior da Meseta norte parece indicar que durante o Magdalenense, os caçadores-recolectores teriam preferido instalar os seus acampamentos nas áreas com um substrato geológico que permitiu a formação de abrigos rochosos. No entanto, onde não existiam tais formações, poderiam ter sido implantados acampamentos ao ar livre, embora os vestígios arqueológicos sejam mais difíceis de detetar e, em consequência, seja mais difícil demonstrar a existência desta modalidade de ocupação. De facto, não faltam referências à possível existência destes acampamentos ao ar livre, como poderia ser o caso do já mencionado sítio de La Dehesa, atribuído a uma fase final do Magdalenense, ou o Vale de las Orquideas, possivelmente relacionado com a presença de afloramentos de sílex, atribuído aos inícios do Paleolítico Superior, há cerca de 30.000 anos.

Em La Peña de Estebanvela os dados revelam uma utilização intensiva e recorrente do ambiente ribeirinho próximo do abrigo. Por exemplo, os carvões identificados indicam a utilização de madeira de árvores ribeirinhas como combustível para as lareiras, especialmente o salgueiro. A descoberta de vértebras de truta prova a inclusão de peixe na dieta. Embora não existam provas diretas nos restos recuperados, este uso intensivo do ambiente também sugere o possível consumo de uma grande variedade de frutos comestíveis que estavam presentes nas proximidades do campo (cereja, espinheiro negro, avelã e maçã). As árvores identificadas pelo estudo antracológico (classificação botânica do carvão e da madeira em contextos arqueológicos) também sugerem a possível utilização de ramos jovens de salgueiro ou aveleira na tecelagem de cestos.



Fig. 7 Recriação de actividades quotidianas (pesca e recolção) em Estebanvela (Cacho et al. 2013, desenho de Luis Pascual).

Pouco se pode dizer sobre a organização espacial destes campos em abrigos ou ao ar livre. No abrigo de Vergara, ocupado durante o Magdalenense, foram identificadas fossas, buracos de postes e grandes lajes em pedra, talvez utilizadas para diferentes atividades. No entanto, é mais uma vez o local de La Peña de Estebanvela o único que nos proporciona pequenas janelas sobre a vida num acampamento do extremo oriental do vale do Douro. A informação obtida na escavação permite-nos inferir um uso diferenciado por áreas de atividade, no espaço ocupado do abrigo. A dispersão dos restos líticos por uma pequena área de forma semicircular de apenas um metro quadrado, identificada num nível datado de cerca de 13.980 BP, reitera padrões identificados em estudos experimentais ou etnoarqueológicos, e é, portanto, interpretado como uma área onde se realizou um intenso trabalho de talhe, durante uma ocupação provavelmente única do sítio. Nas imediações deste espaço de talhe, foi identificada uma concentração de nódulos de sílex de excelente qualidade, amontoados numa pequena área de cerca de 25 cm² juntamente com núcleos preparados para ser debitados e lascas. Esta concentração foi interpretada como um local para armazenar matérias-primas para o talhe. Neste mesmo nível parece haver um outro espaço dedicado

à extração da pele e à desarticulação dos animais caçados, o que é denunciado pela concentração de membros (falanges, sesamoides e extremidades de ossos longos) de cabras, veados e cavalos. Num nível ligeiramente mais recente, entre 13.720 e 13.100 BP, foram descobertas três fogueiras. Duas delas têm um diâmetro ligeiramente superior a um metro e são preenchidas por uma espessura de cinzas de cerca de 10 a 15 cm. A ausência de vestígios líticos ou faunísticos no seu interior leva-nos a excluir a possibilidade de aí terem ocorrido atividades domésticas relacionadas com a cozedura de carne ou de se terem produzido ferramentas líticas em seu torno. Por outro lado, a presença entre as cinzas de um grande número de seixos de quartzito, quartzo e calcário com fraturas térmicas, aponta para o aquecimento destes seixos e para a utilização das lareiras como acumuladores de calor.

As ferramentas líticas recuperadas em La Peña de Estebanvela são amplamente representativas das que os magdalenenses possuem nos territórios do sector central e oriental da Bacia do Douro. Caracterizam-se pela predominância de suportes laminares de pedra lascada sobre os quais são feitas as ferramentas para responder às diferentes necessidades relacionadas com a subsistência do grupo: lâminas e lamelas retocadas destinadas a armas de caça, ferramentas para limpar e processar carcaças, raspadores, possivelmente ligados ao tratamento de peles entre outras tarefas. Em La Peña de Estebanvela, a indústria óssea, principalmente feita de osso e não de chifre, é escassa, embora existam agulhas e alguns furadores. Provavelmente as suas funções foram executadas por ferramentas feitas de outros materiais perecíveis, como a madeira. Foi descoberto um total de 53 pendentes neste local, quase todos feitos de conchas marinhas perfuradas. Três deles são feitos de caninos de veado atrofiados e um quarto de sepiolite, uma rocha argilosa compacta. Como representativo da diversidade das atividades realizadas no acampamento, devemos também mencionar um conjunto de mais de 40 plaquetas, quase todas de xisto e, com exceção de duas onde se observam figurações de cavalos, gravadas com representações geométricas.

BIBLIOGRAFIA

- Aubry, T. (Ed.) (2009): 200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico. *Trabalhos de Arqueologia*, 52.
- Aubry, T. et al. (2010): "Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): Implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art". Original Research Article, *Journal of Archaeological Science*, 37: 3306-3319
- Aubry, T. et al. (2012): "We will be known by the tracks we leave behind: exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal)". *Journal of Anthropological Archaeology*, 31: 528-550
- Aubry, T. et al. S. (2020). "Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina-Salto do Boi, Côa Valley, Portugal)". *Quaternary Research*, 98: 81-101.
- Aubry, T. et al. (n.p.): "Dos dois lados da raia no Paleolítico Superior: Matérias-primas siliciosas de La Dehesa (El Tejado de Béjar, Salamanca, Espanha) no contexto das relações entre a Meseta e o litoral". Atas do Colóquio Internacional ROMPER FRONTEIRAS, ATRAVESSAR TERRITÓRIOS. Identidades e intercâmbios durante a Pré-história recente no interior norte peninsular. Porto: CITCEM.
- Cacho, C. (coord.) (2013): Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia). *Consejería de Cultura y Turismo de la Junta de Castilla y León, y Centro de Ciencias Históricas y Sociales del Consejo Superior de Investigaciones Científicas*.
- Cacho, C. et al. (2010): "El Paleolítico superior en el interior de la Península Ibérica: revisión crítica y perspectivas de futuro". En *Jornadas Internacionales sobre el Paleolítico Superior Peninsular. Novedades del siglo XXI. Seminario d'estudis i recerques prehistòriques*. Universitat de Barcelona. Enero 2010. Barcelona.
- Cacho, C. et al. (2012): "Human landscapes of the Late Glacial Period in the interior of the Iberian Peninsula: La Peña de Estebanvela (Segovia, Spain)". *Quaternary International*, 272-273: 42-54.
- Cacho, C. et al. (2014): "La Peña de Estebanvela". En *Los cazadores recolectores del Pleistoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho de Gibraltar: estado actual del conocimiento del registro arqueológico*. Robert Sala (ed.), Eudald Carbonell, José María Bermúdez de Castro y Juan Luis Arsuaga (coord.). Universidad de Burgos. Fundación Atapuerca, 568-573.
- Cacho, C. et al. (2016): "On the use of space at La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia, Spain): an approach to economic and social behaviour in the Upper Magdalenian". *Quaternary International*, 412: 44-53.
- Cunha, P. et al. (2019): "Mechanisms and age estimates of continen-

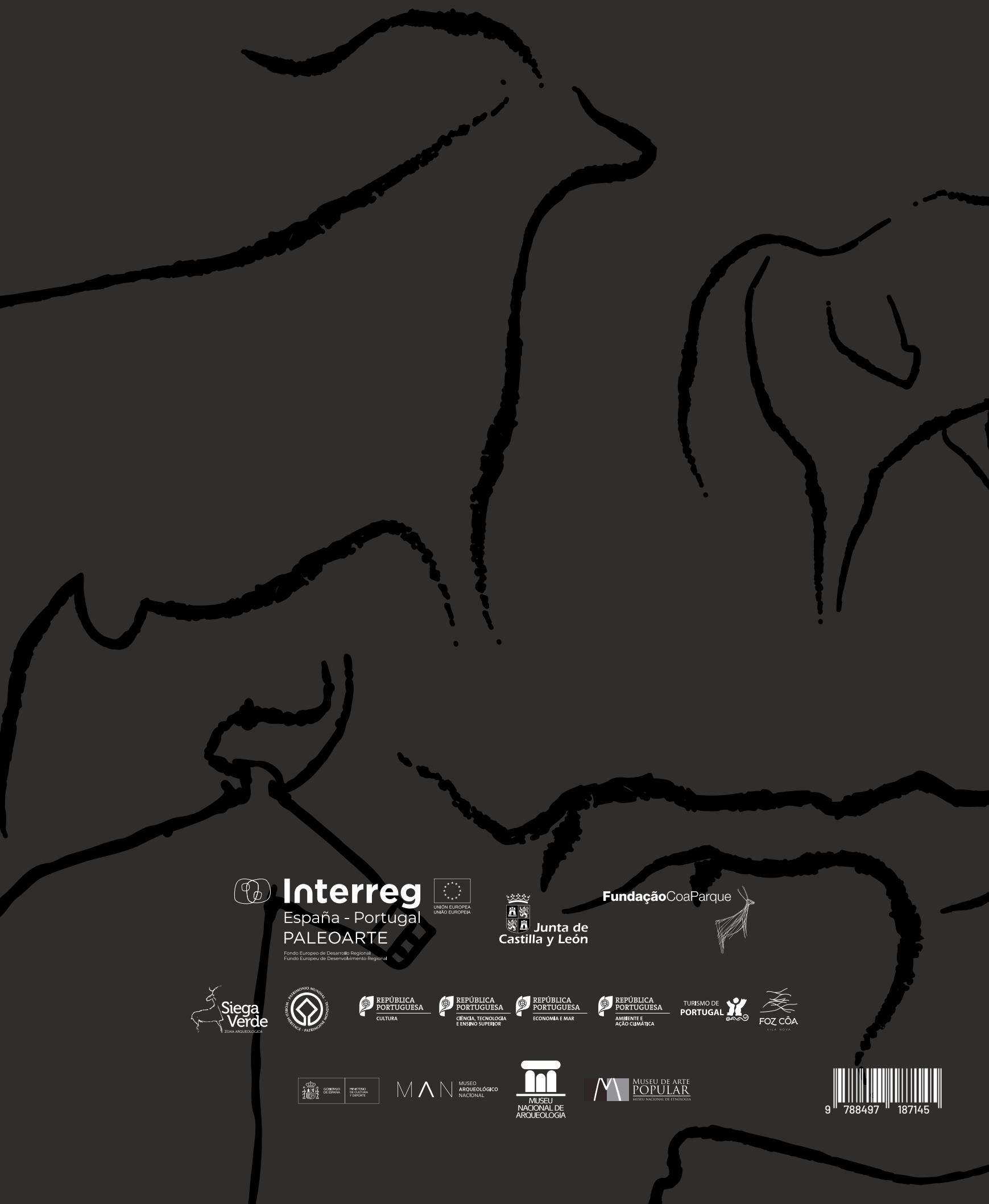
tal-scale endorheic to exorheic drainage transition: Douro River, Western Iberia". Author links open overlay panel. *Global and Planetary Change* 18, 102985

Fabian Garcia, J. F. (1996): "La Industria Lítica del yacimiento de "La Dehesa" en el tejado de Bejar (Salamanca). Una industria de tipología Magdaleniense en la Meseta". *Numantia: Arqueología en Castilla y León*, 2: 101-141

Gabriel, S., Bearez, P. (2009): "Caçadores-pescadores do Vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu". In: AUBRY, T. (Ed.), *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana do caçadores-artistas do Paleolítico*. *Trabalhos de Arqueologia*, 52: 331-339.

Morales-Molino, C. y García-Antón, M. (2014): "Vegetation and fire history since the last glacial maximum in an inland area of the western Mediterranean Basin (Northern Iberia Plateau, NW Spain)". *Quaternary Research*, 81(1): 63-77.

Yravedra, J. et al. J. (2018): "Recurrent Magdalenian occupation in the interior of the Iberian Peninsula: new insights from the archaeological site of La Peña de Estebanvela (Segovia, Spain)". *Archaeological and Anthropological Sciences*, 11(4): 1477-1489



Interreg
Espana - Portugal
PALEOARTE

Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



**Junta de
Castilla y León**

Fundação CoaParque



9 788497 187145